Dia 15 — Oitava da Imaculada e Santo Eusébio, Bispo

Martirológio Romano

A oitava da Conceição da santíssima Virgem Maria. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

A consagração de Santo Eusébio, bispo de Vercelli, no mesmo dia; de cujo ditoso trânsito se faz comemoração no dia 1.º de agosto, e sua festividade se celebra no seguinte por constituição do papa Bento XIII. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

Os santos mártires Ireneu, Antônio, Teodoro, Saturnino, Vítor e outros dezessete, em Roma; os quais padeceram pela fé de Jesus Cristo na perseguição de Valeriano.

O martírio dos santos Faustino, Lúcio, Cândido, Celiano, Marcos, Januário e Fortunato, na África.

São Valeriano, bispo, também na África; o qual, sendo de mais de oitenta anos de idade, na perseguição dos vândalos, intimando-lhe Genserico, rei ariano, que entregasse os vasos e ornamentos da Igreja, resistiu a isso constantemente, pelo que mandou que saísse só desterrado da cidade e fez apregoar que ninguém lhe desse acolhida nem em povoado nem fora dele. E depois de haver estado muito tempo no caminho real à inclemência do céu, acabou a carreira de sua santa vida confessando e defendendo a verdade católica.

São Maximino, confessor, na diocese de Orleans.

Santa Cristiana, escrava, na Ibéria, do outro lado do Ponto Euxino; a qual por seus milagres converteu as gentes daquele país à fé católica no tempo do imperador Constantino.

A Oitava da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem

A oitava de uma festa não é outra coisa que o intervalo daqueles oito dias seguidos que emprega a Igreja em celebrar a festa de algum Santo ou mistério que se celebra com muita solenidade. Estes oito dias não são senão uma continuação da mesma festa, segundo a linguagem da Igreja: a mesma celebridade, a mesma missa, o mesmo ofício; e como este último dia é como o selo e o fechamento de toda a festa, por isso é quase tão solene como o primeiro. Esta religiosa cerimônia a tomou a nova Lei da antiga. O primeiro dia, disse Deus a Moisés, falando das festas que se deviam celebrar, será muito célebre e muito santo: não fareis nele obra alguma servil: *Dies primus vocabitur celeberrimus atque sanctissimus, omne opus servile non facietis in eo.* (Lv 23.) Oferecereis holocausto ao Senhor nestes sete dias. O oitavo será muito célebre e muito santo, e oferecereis um holocausto ao Senhor, porque é um dia de junta, e não fareis nele obra alguma servil: *Dies quoque octavus erit celeberrimus.* A Igreja dispensa neste dia oitavo no que diz respeito à cessação do trabalho; mas não no que toca à oração e à devoção: ainda que a celebridade seja menor, não o deve ser a devoção interior; e como o dia da oitava é a consumação da festa, deseja a Igreja que este último dia reúna, por dizê-lo assim, e aperfeiçoe todas as graças que houverem recebido nos oito dias. Assim o rei Salomão, quando fez a dedicação do templo, não despediu o povo até o dia oitavo: *In die octava dimisit populos.*

O Filho de Deus autorizou esta espécie de solenidades vindo todos os anos a Jerusalém a celebrar por oito dias a festa da purificação do templo e a de sua renovação (Jo 10); como também a que se chama dos tabernáculos ou tendas (Jo 7), à qual não veio uma vez até a metade da oitava; e o último dia da oitava, que era o mais solene, foi quando Jesus Cristo disse em alta voz que, se alguém tinha sede, acudisse a ele e bebesse; como se houvesse querido dar-nos a conhecer quão pronto está a derramar sobre nós os tesouros de suas graças no último dia da festa e quão vantajoso pode ser o dia da oitava para os que o celebram com devoção. Não se duvida de que este rito se observa na Igreja desde o tempo dos Apóstolos, como se vê pelos Menaios dos gregos.

Não há outras que as grandes festas que tenham oitava. As da santíssima Virgem são demasiado célebres em toda a Igreja, e sobretudo a de sua Imaculada Conceição, para que não tenha oitava. É esta demasiado gloriosa para a Mãe de Deus e muito interessante para os fiéis para que não excite a devoção e o zelo de seus filhos; e pois a Igreja quer que o ofício deste último dia seja o mesmo que o do dia da festa, não é muito devido que neste dia demos à Virgem o mesmo culto e com o mesmo fervor?

A conclusão das maiores solenidades é, por via de regra, mais proveitosa que o discurso da festividade. As liberalidades do monarca são ordinariamente mais abundantes e mais fáceis de conseguir no dia último: as graças e os favores são quem coroa e dá fim aos mais plausíveis regozijos; e os que se distinguiram mais por sua magnificência e por seu zelo durante a alegria das festas públicas não pedem inutilmente quando se retiram. Por isso também no último dia da oitava se deve renovar o fervor e a devoção e multiplicar as súplicas e petições.

A devoção à santíssima Virgem está tão autorizada na Igreja que não há verdadeiro católico que não reconheça sua utilidade e a olhe como uma de suas primeiras obrigações. A Igreja grega e a latina estão conformes neste ponto, porque o cisma nada alterou quanto a ele. Assim no Oriente como no Ocidente se fazem públicas petições à Virgem, celebram-se com solenidade festas em honra sua, consagram-se templos a Deus sob sua invocação, expõem-se suas imagens nos altares e se a invoca no sacrifício. Nada estabelece melhor uma verdade que esta conformidade dos gregos conosco, à vista da propensão que têm a discordar e apartar-se de nós. O sentimento dos Padres gregos, como se pôde ver, é conforme ao dos Padres latinos no tocante à Imaculada Conceição. A devoção à santíssima Virgem, a confiança no que pode com Deus, em sua bondade para com os pecadores, em sua proteção, em sua misericórdia, é de todos os tempos. Uns e outros recebemos esta doutrina de nossos pais por uma tradição constante de todos os séculos desde Jesus Cristo até nós. Os gregos de hoje em dia têm os sentimentos, no que diz respeito à devoção desta santíssima Mãe de misericórdia, que tinham Santo Atanásio, São Gregório Nazianzeno, São Cirilo, São João Damasceno, São Crisóstomo, São Basílio; do mesmo modo, São Bernardo nos conservou e transmitiu estes sentimentos como os havia recebido de Santo Ambrósio, de Santo Agostinho, de Santo Ildefonso e dos outros Padres daqueles primeiros tempos. Quando não tivéssemos outras provas de que esta tradição vem dos Apóstolos senão a força que tinha já no tempo do concílio de Éfeso, que é dizer, no ano 430, poder-se-ia duvidar disso razoavelmente? O consentimento dos sábios, do povo, dos Santos, da cabeça da Igreja e de todos os Prelados que o orgulho, a parcialidade, a cabala, o interesse não haviam corrompido: o ardor de todos os católicos, não só em defender o dogma particular de que se tratava, mas em exaltar tanto mais as grandezas, a santidade e os insignes privilégios da santíssima Virgem quanto o espírito de erro os atacava com maior malignidade: o zelo em fazer dela os mais frequentes elogios, em edificar-lhe templos magníficos: este zelo tão vivo, tão universal, tão constante, podia ter outro fundamento que uma tradição estabelecida, que cada dia se foi fortificando mais e que não foi combatida senão por aqueles que a Igreja lançou de seu seio?

O consentimento unânime de todas as nações em honrar com um culto particular a santíssima Virgem é também uma prova bem sensível de sua excelência e de sua grandeza; porque como era possível que povos tão distantes, de costumes tão diferentes, houvessem podido por tantos séculos convir neste ponto, se não houvessem olhado a Maria como muito mais elevada por sua dignidade e por seu mérito que o resto de todos os homens e Anjos? Os templos consagrados em honra sua em todos os séculos e em todos os países do mundo não nos devem empenhar a dar-lhe o culto que lhe é devido?

Jacó de Valência, bispo de Crisópolis, explicando estas palavras: *Beatam me dicent omnes generationes:* todas as gerações me chamarão bem-aventurada, refere um fato que mostra a veneração e apreço em que os próprios infiéis têm a Mãe de Deus. Conta que no pontificado de João XXII um filho do rei da Armênia veio a Avinhão, residência então dos sumos Pontífices.

Como seu desígnio era ver todos os exercícios da religião cristã, assistia a todas as cerimônias de Religião. No dia da festa da Imaculada Conceição assistiu a um sermão em que o pregador pareceu querer provar que Maria havia sido concebida em pecado. O jovem Príncipe, que tinha um entendimento muito despejado e era muito hábil e inteligente, escandalizou-se tanto do sermão que, sem aguardar mais, saiu da igreja com o firme propósito de voltar a sua terra: quis despedir-

se do sumo Pontífice, o qual, surpreendido de uma partida tão arrebatada e pronta, perguntou-lhe a causa. Vou-me, Santíssimo Padre, respondeu-lhe, porque não posso aguentar o modo tão injurioso com que ouvi falar publicamente de Maria; e atrevo-me a assegurar a Vossa Santidade que, se houvesse alguém entre nós, ainda que somos maometanos, que se atrevesse a falar assim de Maria, seria sem remédio apedrejado.

Assegura-se que nos arquivos de Nossa Senhora de Chartres se acha que Prisco, rei de Chartres, mandou fazer, cem anos antes do nascimento de Jesus Cristo, a imagem da santíssima Virgem que se vê hoje na igreja de Nossa Senhora, e que a fez levar pelos sacerdotes dos gauleses à gruta em que faziam seus sacrifícios com esta inscrição: *Virgini parituraе:* à Virgem que há de parir; tendo tido notícia deste mistério pelos oráculos proféticos das Sibilas. Desta gruta se fez depois uma igreja por São Ponciano ou Potenciano, e passa pela igreja mais antiga da França, dedicada em honra da santíssima Virgem. A igreja de Nossa Senhora do Puy não lhe cede nem em veneração nem em antiguidade; a maior parte das catedrais deste reino estão dedicadas à santíssima Virgem, e o número prodigioso das outras igrejas sob o mesmo título denota bastante qual foi em todos os tempos a terna devoção de nossos pais à santíssima Virgem. Contam-se somente na cidade de Roma quarenta e seis igrejas dedicadas em honra sua; e todos os países do mundo estão cheios de antigos monumentos desta religiosa piedade para com a Mãe de todos os fiéis.

Que se deveria pensar se se achassem espíritos sempre dispostos a fazer nascer dúvidas sobre as grandezas da santíssima Virgem e sobre suas mais ilustres prerrogativas, ocupados sempre em buscar falsas razões para fazer-nos suspeito nosso culto e nossa devoção, para desacreditá-la e extingui-la à força de estreitá-la? Depois que os primeiros homens de nossa Religião se esgotaram e empregaram todo o cabedal de seu saber em publicar as grandezas da santíssima Virgem; depois que perderam as esperanças de achar termos proporcionados à sublimidade de seu estado, à santidade de sua Imaculada Conceição, à perfeição incompreensível de sua pureza e à glória imensa de seu triunfo na Jerusalém celestial; depois que Santo Agostinho, em nome de todos, confessou sua insuficiência e protestou altamente que lhe faltavam expressões para dar à Mãe de Deus os louvores que lhe eram devidos: *Quibus te laudibus efferam, nescio:* terá alguém atrevimento de dizer que teme exceder-se em seus louvores? Atrever-se-á alguém a blasfemar de certas práticas e atos de devoção tão religiosos, tão úteis a todos os fiéis, tão santos, como são rosários, escapulários, congregações? É verdade que, à proporção que os fiéis se perverteram, se adelgaçou demasiado sobre a simplicidade do culto. A devoção à Mãe de Deus é um meio muito eficaz para conseguir a salvação, e assim não há que admirar que seja tão combatida pelo inimigo da salvação. Não há outros que os hereges que se tenham desencadeado contra a multiplicidade de festas que se celebram em honra sua, contra o número infinito de templos e de altares consagrados a Deus sob seu nome, contra tantas práticas estabelecidas pela Igreja para fomentar nossa devoção à santíssima Virgem. Vós, santíssima Mãe de Deus, vós sois o escolho contra o qual se estilhaçaram todos os erros, e o sereis sempre: vós só triunfastes de todas as heresias; apenas se formou alguma no Cristianismo que não vos tenha feito a guerra; mas não houve uma que não a tenhais vós confundido e de que não tenhais triunfado: *Cunctas hæreses sola interemisti in universo mundo.*

Introduzindo Santo Agostinho a Jesus Cristo falando aos Maniqueus, que não queriam honrar a Mãe de Deus, faz-lhe dizer estas palavras: Esta que desprezas, maniqueu, é minha mãe e foi fabricada

por minha mão. Sendo isto assim, quem pode duvidar de que a tenha formado toda pura, toda formosa, adornada com a justiça original e com as mais resplandecentes virtudes, enriquecida de todos os tesouros do céu e cumulada de todas as graças? Se tivesse sido manchada com o pecado original quando eu a formei, eu também teria podido manchar-me nascendo dela. De onde devemos concluir que, como este divino Filho foi quem formou sua Mãe, não lhe negou nada de quanto podia contribuir a sua excelência, a sua perfeição e a sua dignidade. Escolheu-a, diz São Bernardo; mas formando-a ele mesmo tal como convinha a sua honra, a sua santidade, a sua própria glória não menos que à de sua mãe. Que bem teria parecido que aquele sangue que se uniu ao divino houvesse estado um só instante manchado com o pecado e sob a tirania do demônio? Não era decente que a Mãe de Deus estivesse nem um momento em desgraça de Deus. Uma Virgem escolhida para destruir o pecado de nenhum modo devia estar sujeita ao pecado. Não teria sido honra do Filho de Deus que o santuário em que devia habitar servisse de pousada a seu principal inimigo. Finalmente, seu amor o empenhava a usar com sua Mãe de toda a sua misericórdia; e não teria usado de toda se não a houvesse preservado da queda mais profunda e do golpe mais mortal, tendo em sua mão o meio infalível e pronto de preservá-la. Este meio, felicíssima Virgem, era resgatar-vos, não tirando-vos do estado do pecado, mas impedindo que caísseis nele: deste e não de outro modo tendes parte na redenção do divino Mediador que deveis dar ao mundo. Este Senhor é nosso Salvador porque rompe nossas cadeias e nos tira da escravidão; mas o é vosso porque vos conservou sempre numa santa liberdade. É nosso Salvador ressuscitando-nos à graça: é vosso conservando-vos sempre a vida da graça. É nosso Salvador purificando-nos; é vosso isentando-vos de toda mancha. Finalmente, é nosso Salvador por via de reparação; e é vosso por via de proteção. Este segundo meio é tanto mais excelente quanto a graça é o bem mais precioso e o pecado é o mal mais temível. Mas é justo que o céu vos tenha privilegiado, formando-vos para ser um dia exaltada à mais alta dignidade que houve jamais nem pode haver; e não é menos justo que toda a terra publique este insigne privilégio, que foi a origem de todos os favores que recebestes: é justo que toda a Igreja honre este primeiro instante de vossa vida, no qual fostes mais santa que todos os Santos juntos o foram no fim de seus dias: é justo que todos os fiéis celebrem com uma particular devoção e com uma singular alegria uma festa que foi o princípio de todas as outras; e que, servindo como de base a todas as outras graças de que fostes cumulada, veio a ser também como o princípio de nossa ventura.

Santo Eusébio, Bispo

Santo Eusébio, um dos mais brilhantes ornamentos da ordem episcopal e um dos mais célebres, mais fortes e mais zelosos defensores da fé católica contra os violentos ímpetos da heresia ariana, foi natural da ilha da Sardenha, onde sua família era muito respeitável e distinguida, tanto por sua antiga nobreza como por seus consideráveis bens. Logo que morreu seu pai, de quem alguns dizem que sofreu uma longa e penosa prisão por sustentar a religião cristã durante a perseguição do imperador Diocleciano, sua mãe, chamada Restítula, passou a Roma com o objeto de que o menino se instruísse nas letras humanas e divinas, a favor do repouso que fez gozar à Igreja o grande Constantino depois de tantas tormentas com que a afligiram os príncipes pagãos.

Como Eusébio se achava dotado de um engenho vivo, sólido, claro e penetrante, de um coração nobre e generoso e de uma inclinação como nascida para a virtude, reunidos estes princípios com uma incessante aplicação ao estudo, fez em muito breve tempo admiráveis progressos nas ciências humanas e maiores na dos Santos. Incorporado no clero da Igreja de Roma, ascendeu pelos graus prescritos nos cânones às ordens sagradas e deu a conhecer em todas as suas funções o relevante mérito para o qual era chamado por Deus no ministério sacerdotal; acreditando sobretudo com provas práticas o ardoroso zelo que abrasava seu coração pela defesa da fé católica contra a heresia ariana, que procurava manchar aleivosamente o dogma mais sacrossanto de nossa santa Religião.

Quando vivia Eusébio respeitado e até venerado em Roma pela inocência de sua vida, por seus irrepreensíveis costumes e pela justificação de sua conduta, dispôs a divina Providência que passasse a Vercelli, cidade hoje compreendida no Piemonte, onde logo se deu a conhecer por suas eminentes virtudes e por sua sobressalente ciência. Vagou naquele tempo a cátedra episcopal de Vercelli e, como os naturais haviam concebido tão alta ideia de seus relevantes méritos, foi proclamado por todo o clero e povo, em termos que, vendo os bispos comprovinciais que concorreram à eleição um consentimento tão geral, não tardaram em consagrá-lo. Só os Arianos sentiram a promoção de Eusébio, temendo que, condecorado com a dignidade episcopal um homem de seu zelo e de sua sabedoria, lhes faria a mais forte guerra. Procuraram estorvar-lhe a entrada em sua igreja, fechando com violência as portas; mas, posto o Santo de joelhos diante delas, abriram-se por si mesmas imediatamente, com cujo prodígio se acovardaram os hereges.

Colocada aquela brilhante tocha no candeeiro da Igreja, portou-se logo com tal justificação que o desempenho de todas as obrigações e cargos do ministério foi o maior elogio e maior crédito do acerto de sua eleição. Seguramente pode dizer-se que com seu porte verdadeiramente apostólico santificou os deveres que exige o Apóstolo nos prelados perfeitos; e até se estendeu a outras invenções utilíssimas, que foram reconhecidas por efeitos de sua grande sabedoria e de seu ardente zelo. O Padre Santo Ambrósio, que exalta encarecidamente as sublimes qualidades deste insigne Prelado, assegura haver sido o primeiro que reuniu na Itália a vida monástica à clerical, à imitação de São Basílio na Capadócia, de Santo Agostinho na África e de São Martinho na França. O santo Bispo vivia por si e fazia viver seu clero com uma regularidade quase igual à dos monges dos desertos, ocupando-se em santas vigílias, jejuns, estudo, leitura espiritual, oração e labores de mãos, para o que os juntava com frequência de dia e de noite, instruindo-os em máximas salutares para precaver-se contra as tentações do inimigo comum e para evitar todas as ocasiões de pecar. Sob esta educação mostrou-se o clero de Vercelli como um seminário, de onde saíram muitos ilustres bispos, cuja santidade se deveu ao ensino de Eusébio, que soube tirar grandes vantagens daquele gênero de vida austera para suportar mais facilmente as perseguições que teve que sofrer no sucessivo.

O arianismo havia penetrado até o Ocidente depois que assolou quase toda a Igreja oriental. Enganado o imperador Constâncio, filho do grande Constantino, de sua mulher infecta com a peste daquela heresia, declarou-se protetor da impiedade com tanto empenho que, por defendê-la, perseguiu a Igreja tão cruelmente como poderiam os príncipes pagãos mais inimigos do Cristianismo. Aceso Eusébio num zelo ardente e generoso pela defesa da divindade de Jesus Cristo, que era o ponto da renhida controvérsia entre os Católicos e Arianos, não satisfeito com manter

suas ovelhas na firme crença do dogma católico, não cessava de declarar-se contra o erro, pelo que era tido por um dos mais formidáveis inimigos do arianismo. Aflito o papa Libério com o mau sucesso do concílio celebrado em Arles no ano 353, onde seu legado Vicente de Cápua havia cedido aos Arianos, elegeu novos legados para com o imperador Constâncio, a fim de obter deste Príncipe a licença para a convocação de outro concílio onde se terminassem as sangrentas disputas que turbavam a paz e a tranquilidade da Igreja. Como a corte estava em Milão, escreveu o Papa a Eusébio, que não estava distante, a fim de que, unindo-se com os novos legados, interpusesse sua autoridade e seu respeito junto ao Imperador em tão importante negociação, recomendando-lhe a defesa da fé católica e a de Santo Atanásio ausente, de quem os Arianos prosseguiam a condenação contra todas as leis. Aceitou Eusébio a comissão nos termos que lhe prevenia o Papa; e sem reparar no eminente risco a que expunha sua vida junto a um Príncipe implacável inimigo dos Católicos, persuadiu-lhe com tanto zelo e vigorosa eloquência a necessidade do concílio para pacificar a Igreja que com efeito logrou de Constâncio que se convocasse em Milão no fim do ano 355.

Ainda que concorreram poucos orientais ao concílio, conhecendo Eusébio pelo estado das coisas que os hereges seriam senhores da assembleia, auxiliados de Constâncio, retirou-se a sua igreja sob o suposto de ficar no sínodo os legados apostólicos. O concílio deputou dois bispos, rogando ao Santo que assistisse, e escreveu-lhe uma carta firmada de trinta prelados, todos famosos arianos, exortando-o a entrar em suas resoluções dirigidas à paz da Igreja. Também lhe escreveu o Imperador suplicando-lhe que abraçasse o ditame daqueles bispos; e assim mesmo o instaram os legados apostólicos, estreitando-o a vir para que com sua autoridade e sua grande sabedoria pudesse dissipar os artifícios dos Arianos e resistir a Ursácio e a Valente, caudilhos da impiedade.

Condescendeu Eusébio em passar ao concílio; mas antes preveniu o Imperador e a assembleia por duas cartas em que lhes dizia que só faria o que lhe parecesse justo e agradável aos olhos de Deus. O espírito e generosidade de suas respostas sobressaltou tanto os hereges que, quando chegou a Milão, por espaço de dez dias lhe impediram que entrasse na igreja onde se tinham as juntas sinodais. Enfim, assistiu ao sínodo, e tendo proposto os Arianos que subscrevesse a condenação de Santo Atanásio, respondeu que para passar a este ato era preciso antes que todos subscrevessem o símbolo do concílio Niceno, pois estava certo de que na assembleia se achavam alguns bispos infectos com a heresia condenada naquele concílio geral. Opôs-se Valente de Mursa e, indignado o povo de um procedimento tão injusto, pôs-se da parte de Eusébio e dos que sustentavam um princípio tão indispensável; mas temerosos os Arianos de que este sucesso lhes impedisse o manejo do negócio, transferiram o concílio à capela do palácio por ordem do Imperador, que quis presidir a desordenada junta. Fez vir Constâncio a ela os bispos católicos para obrigá-los com sua autoridade a que firmassem a condenação de Santo Atanásio; e ainda que alguns débeis, possuídos de uma infame covardia, condescenderam com uma resolução tão iníqua, revestido Eusébio daquela fortaleza e daquele valor que constitui o caráter dos varões apostólicos, resistiu com os legados apostólicos a providência tão injusta, representando que, além de ser pública a inocência de Santo Atanásio, contestada por seus maiores inimigos, que o eram Ursácio e Valente, proibiam as leis condenar o ausente sem ser ouvido.

Ofendido o Imperador desta justa resistência, ameaçou Eusébio e os legados com o último suplício e concebeu tal enojo que sua cólera chegou ao extremo de sacar contra eles a espada, ainda que

se conteve condenando-os a desterro, cujo atentado causou um sentimento universal a todo o orbe católico. Contristado o papa Libério daquela desgraça, escreveu ao Santo para felicitá-lo por sua constância, elogiando o exemplo de fortaleza recomendável em todo o mundo cristão que havia dado a todos os bispos. Coube a Eusébio por lugar de seu desterro Citópolis, onde caiu sob o poder de Patrófilo, um dos mais cruéis arianos, que o fez sofrer os tormentos e as penalidades que poderiam inventar os gentios mais inimigos do Cristianismo; chegando sua desumanidade ao extremo de não lhe suministrar coisa alguma de alimento por muitos dias a fim de que morresse de necessidade. Mas Deus temperou estes rigores com algumas consolações. Sua Igreja mandou visitá-lo pelo diácono Siro e pelo exorcista Victorino, os quais lhe levaram cartas cheias de amor e lhe conduziram esmolas para o socorro de suas necessidades; do que ofendidos os Arianos, tiraram-no do alojamento que eles mesmos fizeram que lhe assinalassem os agentes do Imperador e com a maior violência e indignidade encerraram-no num estreito aposento, onde, abandonado às mais cruéis necessidades, concorriam a certas horas os hereges a redobrar os castigos e maus-tratos que lhe faziam sofrer; entre os quais era um arrastá-lo de alto abaixo por uma escada muito íngreme, acrescentando a isto a proibição de que viessem dar-lhe algum consolo os presbíteros e os diáconos. Então foi quando o Santo fez contra aqueles ímpios uma espécie de protestação em que, depois de haver reprendido suas violências, lhes declarou que não comeria nem beberia se não lhe prometiam com juramento e por escrito que não impediriam a seus irmãos virem vê-lo e suministrar-lhe o alimento preciso, acrescentando-lhes que em outros termos publicaria e escreveria a todas as igrejas sua tirania para que soubesse todo o mundo o caráter dos Arianos e quanto faziam padecer os Católicos.

Voltaram os hereges a Eusébio ao lugar de sua primeira habitação, onde o povo, edificado de seu sofrimento, o recebeu com tais demonstrações de júbilo que rodearam seu alojamento com lâmpadas acesas; do que irritados os Arianos, acompanhados de uma multidão de escelerados, lançaram-se sobre o Santo e, depois de muitos golpes, injúrias e maus-tratos, levaram-no arrastando a uma dura prisão. Também encarceraram outros sacerdotes e diáconos do partido de Eusébio, os quais desterraram por sua própria autoridade a diversos lugares; e cometeram a temeridade de pôr em prisões públicas muitas pessoas seculares e mulheres religiosas que se declararam a favor da inocência do injustamente perseguido. Enquanto os hereges causavam semelhantes violências, manteve-se o santo Bispo sem comer seis dias por não tomar coisa alguma de suas sacrílegas mãos, de sorte que, assustados por uma parte seus inimigos de vê-lo muito perto de morrer desfalecido e aterrados por outra com os gritos do povo que os ameaçava, viram-se obrigados a deixar em liberdade um familiar do Santo para que o assistisse.

Finalmente, livre Eusébio de tão execráveis insultos pela interposição de algumas pessoas piedosas, deixou-se-o em casa de certo senhor poderoso, onde concorreram a visitá-lo muitos sujeitos visíveis condoídos de sua desgraça; do que conceberam tanta emulação os Arianos que solicitaram que se lhe mudasse o lugar de seu desterro, enviando-o à Capadócia. Mas notando que ali não se lhe tratava com a dureza que eles queriam, por último o desterraram à Tebaida inferior, abaixo do Egito, onde se manteve padecendo indizíveis trabalhos até a morte de Constâncio, que sucedeu no dia 3 de novembro de 361.

Juliano, sucessor de Constâncio, dito o Apóstata, quis assinalar-se nos princípios de seu império na piedade para com todos os bispos desterrados por seu antecessor; com cujo motivo saiu Eusébio

da Tebaida e passou a ver Santo Atanásio para deliberar com ele sobre os negócios da Religião, como o fizeram ambos num concílio que se celebrou então em Alexandria. Também se interessou Eusébio na reunião da Igreja de Antioquia, que estava dividida entre os que obedeciam a Santo Melécio e os que se chamavam eustatianos, que recusavam reconhecê-lo por legítimo prelado, acreditando com todos os que se opuseram à reunião seu valor e fortaleza apostólica.

Penetrado da mais viva dor ao ver o lastimoso estado em que se achavam as igrejas do Oriente, nas quais não se ouviam mais que escândalos, cismas, perfídias e novos erros, todos efeitos do protegido arianismo, que de tal maneira havia desolado a vinha do Senhor que apenas haviam ficado nelas uns débeis sinais e imperceptíveis relíquias da religião católica, visitou-as por comissão do papa Libério, e em todas se viram os gloriosos frutos de seu zelo apostólico, de sua grande sabedoria e de sua consumada prudência, confundindo sempre a todos os inimigos da fé com um ardor tão vigoroso que não puderam resistir ao espírito de Jesus Cristo que animava o de Eusébio. Concluída esta penosíssima expedição, tendo deixado em todas as partes zelosos e sábios ministros católicos capazes de opor-se ao poder da heresia, tomou o caminho para sua Igreja, sendo recebido em todos os povos por onde fez trânsito como um glorioso defensor da divindade de Jesus Cristo, que voltava carregado de louros, triunfante de tantos inimigos.

Já se deixa discorrer com que alegria, com que triunfo e com que veneração seria recebido de suas ovelhas aquele nunca bem ponderado Pastor, por cuja vista suspiravam incessantemente. Restabelecido em sua cátedra, não se contentou com que florescesse em sua diocese a pureza da fé, a disciplina eclesiástica e a justificação dos costumes relaxados por motivo de sua ausência; os efeitos de seu zelo, sempre infatigável e sempre ativo, comunicaram-se a outras províncias inficionadas com o arianismo, perseguindo-o até suas mais fortes trincheiras. Finalmente, as igrejas do Ocidente experimentaram as mesmas utilidades que as do Oriente; pelo que os bispos da Itália e outros latinos, compreendendo o que Deus havia feito por ministério de seu fidelíssimo servo, por quem arruinou o império da heresia e confundiu vergonhosamente seus protetores, felicitaram-no com os mais altos elogios e enviaram-lhe cópias das subscrições pelas quais condenavam os decretos do concílio de Rímini e faziam profissão de seguir inviolavelmente a fé ortodoxa definida no geral de Niceia.

Depois destas louváveis empresas, Eusébio não sobreviveu muito tempo, pois se crê que morreu cheio de triunfos e merecimentos no ano 370. Alguns escreveram que os hereges arianos tiraram a vida a este insigne Bispo, pelo que é qualificado de mártir no Martirológio romano; ainda que outros não lhe dão este título, só sim o de ilustre Confessor, embora ninguém duvide do muito que padeceu pelos hereges. Seu corpo foi sepultado na igreja de Santo Teonesto ou Teógnesto, que ele havia mandado construir, a qual se chamou depois de Santo Eusébio; o qual, tendo escrito muito sobre a defesa da fé católica, não nos ficam daqueles preciosos monumentos senão umas cartas que se acham no fim das edições de Santo Hilário. Também se lhe atribui uma versão latina dos Evangelhos, que se imprimiu em Milão no ano de 1748, mas duvida-se se esta seja obra do Santo.

Santo Urbez, Confessor

Santo Urbício, comumente chamado Santo Urbez, cuja memória é e foi sempre célebre no bispado de Huesca, que foi o teatro de sua prodigiosa vida, nasceu em Bordéus, cidade principal do reino da França. Não nos consta quem foi seu pai, de quem ficou órfão em seus mais tenros anos; mas sabemos que foi sua mãe uma senhora de muito mérito chamada Astéria, que, se bem distinguida por sua qualificada nobreza e pela particular instrução que teve nas letras gregas e latinas, o foi muito mais por suas virtudes cristãs. Criou Urbez no sólido princípio do santo temor de Deus e, correspondendo fielmente a sua boa educação, foi sua infância um prelúdio de sua santidade futura.

Quando a mãe e o filho viviam em Bordéus dedicados inteiramente ao serviço do Senhor, entraram na Aquitânia os mouros, donos da maior parte da Espanha e, não satisfeitos com os enormes estragos que fizeram na irrupção, cativaram não poucos cristãos, e entre eles Astéria e Urbez, sendo este de idade de uns catorze a quinze anos. Sentiram ambos aquela desgraça; mas resignando-se com a vontade de Deus, que assim o permitia, sofreram com inalterável paciência o pesado jugo da escravidão. Conseguiu Astéria sua liberdade passado algum tempo e, deixando seu amado filho no cativeiro, ausentou-se a sua pátria com nenhum outro fim que o de proporcionar os meios para seu resgate. Fez quantas diligências lhe foram possíveis; mas não tendo produzido o efeito desejado, recorreu ao Senhor com fervorosas orações e com rigorosos jejuns, rogando-lhe que se dignasse conceder liberdade a seu amado filho.

Vivia Urbez no cativeiro servindo a seus amos não por temor mas por consciência, segundo a prevenção de São Paulo, portando-se em tudo com tanta fidelidade e com tanta alegria como se gozasse a sorte de um ingênuo e não de um escravo; mas como seus desejos não eram outros que ocupar-se inteiramente no serviço do Senhor, pedia a Deus de contínuo que lhe desse liberdade, pondo por intercessores a São Justo e Pastor, ilustres mártires de Alcalá de Henares, a quem professava uma devoção singularíssima. Conseguiu com efeito a apetecida liberdade e, reconhecendo-a devida à poderosa mediação dos santos meninos, passou imediatamente a Alcalá a dar as graças a seus benfeitores por tão grande benefício. Achava-se aquela cidade em poder dos maometanos e, penetrado o coração de Urbez da mais viva dor ao ver expostas à profanação dos bárbaros as santas relíquias daqueles dois recomendáveis heróis que deram tanta honra à religião de Jesus Cristo, esperando ocasião oportuna, fez o piedoso roubo dos corpos dos ilustres meninos, levando-os à sua pátria com toda a possível cautela, não os separando jamais de sua vista.

Manteve-se Urbez algum tempo em Bordéus em companhia de sua mãe; mas como todas as suas ânsias e todos os seus suspiros eram pela solidão, para atender unicamente ao importante negócio de sua eterna salvação, livre dos impedimentos de seus parentes e amigos, voltou à Espanha e, buscando nas montanhas de Huesca um sítio proporcionado para satisfazer suas intenções, pareceu-lhe muito a propósito o vale Nocito, cinco léguas distante daquela cidade, onde fixou sua residência numa ermida ou oratório que havia naquele deserto, ao qual deu depois seu nome. Quando o Santo se viu em lugar tão retirado de todo o comércio humano, sentiu-se mais que nunca aceso no amor dos exercícios eremíticos, e desde aquele ponto não teve outra ocupação que a de castigar seu corpo com rigorosos jejuns e com assombrosas mortificações, gastando em oração os dias e as noites.

Causam admiração os artifícios de que se valeu o demônio para enganar o ilustre solitário; mas de todos os combates do tentador o livrou a humildade e o frequente recurso à oração: com efeito, mediante a assistência da divina Graça, triunfou dos inimigos infernais, a quem se fez tão temível que ao império de sua voz fugiam precipitadamente dos corpos humanos que tiranizavam.

Espalhou-se a fama do célebre eremita por toda aquela região e, atraídos do bom odor de sua virtude, os cristãos moçárabes, isto é, os que viviam misturados com os árabes, concorriam com muita frequência a visitar Urbez para desfrutar suas santas conversações e seus salutares conselhos, ficando admirados de ver tanto número de prodígios como operava o Senhor cada dia pela intercessão de seu servo, não sendo o menor deles a submissão com que lhe obedeciam todas as feras daquelas montanhas.

Cinquenta anos gastou Urbez numa vida tão rígida e tão penitente, com que renovou em sua pessoa aquelas espantosas imagens de mortificação que nos refere a história dos mais famosos solitários do Egito. Conheceu pelo quebranto de sua saúde, nascido do rigor de suas austeridades, que se aproximava o fim e, ainda que toda a sua vida havia sido uma contínua preparação para a morte, contudo renovou seu fervor e fez esforços extraordinários para purificar sua inocência nos últimos instantes, de sorte que, abrasado como preciosa vítima em divinos incêndios, morreu no Senhor no dia 5 de dezembro pelos anos 802, segundo o cálculo de alguns escritores. Dispôs o Santo que se desse sepultura a seu cadáver na mesma ermida que foi o teatro de sua prodigiosa vida, com a prevenção de que se enterrassem junto a ele os corpos dos santos meninos Justo e Pastor, ilustres mártires de Alcalá, para que não se separassem até na morte os que teve sempre em sua companhia; e executado assim, o corpo do ilustre eremita permaneceu no mesmo santuário sem a menor corrupção depois de tantos séculos, cuja festividade celebra a cidade de Huesca no dia insinuado de seu feliz trânsito, concorrendo em todo tempo os povos da comarca a implorar seu poderoso patrocínio, e com especialidade nos anos estéreis, nos quais se digna Deus favorecê-los com abundância de chuvas pela intercessão do Santo.

Missa (oração)

A missa é a mesma que a do dia da festa da Conceição, e a oração é a seguinte:

> **Latim:** *Deus, qui per immaculatam Virginis conceptionem dignum Filio tuo habitaculum præparasti: quæsumus; ut qui ex morte ejusdem Filii sui prævisa, eam ab omni labe præservasti, nos quoque mundos ejus intercessione ad te pervenire concedas. Per eumdem Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que pela imaculada conceição da Virgem preparastes uma morada digna para vosso Filho, suplicamo-vos que, assim como pela morte prevista deste Filho a preservastes de toda mancha, nos concedais também, por sua intercessão, a graça de ir a vós depois desta vida

purificados de nossos pecados. Pelo mesmo Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 8 do livro dos Provérbios (o impresso remete à pág. 159, isto é, ao dia 8).

Provérbios 8,22-35

> **Latim:** 22 Dominus possedit me in initio viarum suarum antequam quidquam faceret a principio. 23 Ab æterno ordinata sum, et ex antiquis antequam terra fieret. 24 Nondum erant abyssi, et ego jam concepta eram : necdum fontes aquarum eruperant, 25 necdum montes gravi mole constiterant : ante colles ego parturiebar. 26 Adhuc terram non fecerat, et flumina, et cardines orbis terræ. 27 Quando præparabat cælos, aderam ; quando certa lege et gyro vallabat abyssos ; 28 quando æthera firmabat sursum, et librabat fontes aquarum ; 29 quando circumdabat mari terminum suum, et legem ponebat aquis, ne transirent fines suos ; quando appendebat fundamenta terræ : 30 cum eo eram, cuncta componens. Et delectabar per singulos dies, ludens coram eo omni tempore, 31 ludens in orbe terrarum ; et deliciæ meæ esse cum filiis hominum. 32 Nunc ergo, filii, audite me : beati qui custodiunt vias meas. 33 Audite disciplinam, et estote sapientes, et nolite abjicere eam. 34 Beatus homo qui audit me, et qui vigilat ad fores meas quotidie, et observat ad postes ostii mei. 35 Qui me invenerit, inveniet vitam, et hauriet salutem a Domino.

Português: 22 O Senhor me possuio no principio de seus caminhos, des do princípio antes que creasse cousa alguma. 23 Des da eternidade fui constituída, e des do principio, antes da terra ser creada. 24 Ainda não havia os abysmos, e eu estava já concebida: ainda as fontes das aguas não tínhão arrebatado: 25 ainda se não tínhão assentado os montes sobre a sua pesada massa: antes d’haver outeiros, era eu dada á luz: 26 ainda elle não tinha feito a terra, nem os rios, nem tinha firmado o mundo sobre os seus pólos. 27 Quando elle preparava os ceos, eu me achava presente: quando com lei certa, e dentro do seu âmbito encerrava os abysmos: 28 quando firmava lá no alto a região ethérea, e quando equilibrava as fontes das aguas: 29 quando circumscrevia ao mar o seu termo, e punha lei ás aguas, para que não passassem os seus limites: quando sustentava pendentes os fundamentos da terra: 30 estava eu com elle regulando todas as cousas: e cada dia me deleitava, brincando em todo o tempo diante d’elle: 31 brincando na redondeza da terra: e achando as minhas delicias em estar com os filhos dos homens. 32 Agora pois, filhos, ouvi-me: Bemaventurados os que guardão os meus caminhos. 33 Ouvi a instrucção, e sede sabios, e não queirais rejeitalla. 34 Bemaventurado o homem que me ouve, e que vela todos os dias á entrada da minha casa, e que está feito espia ás ombreiras da minha porta. 35 Aquelle que me achar, achará a vida, e haverá do Senhor a salvação.

Reflexões

O Senhor me possuiu desde o princípio de seus caminhos. Os antigos, diz um grande servo de Maria, celebravam todos os anos o dia de seu nascimento e de sua conceição com grande cópia de lágrimas; assim Jó, depois de haver maldito o dia em que nasceu, proferiu o mesmo anátema contra o momento de sua conceição. *Pereça o dia em que nasci, e a noite em que se disse: Foi concebido este homem.* Porque todos nós somos concebidos e nascemos filhos da ira de Deus: no mesmo instante em que nossas almas se unem ao corpo, acham-se separadas de Deus pelo pecado que as inficiona, e eis aqui qual era o justo motivo das lágrimas dos antigos; mas Maria é de outra classe e de outra condição. O primeiro instante de sua Conceição é um tempo de graça e o princípio de sua felicidade. Nunca foi filha de ira, porque sempre foi toda formosa, *tota pulchra*, não havendo recebido jamais as impressões da mancha, que Deus não pode sofrer em parte alguma sem que a aborreça; e assim toda a Igreja se regozija e manifesta seu gozo no momento da Conceição de Maria. Os próprios Anjos, como o testifica São Bernardino de Sena, celebram no céu a festa que nós celebramos hoje na terra. Ainda que a santificação de Maria no momento em que foi concebida seja o que fez tão venerável aos fiéis sua Conceição, contudo não é isto tudo o que há de glorioso para ela neste mistério. Nós solenizamos sua memória para dar graças a Deus pelos favores de que quis cumulá-la desde aquele momento; mas também o fazemos para fazer justiça aos méritos desta incomparável Virgem, os quais desde este momento igualaram ou, por melhor dizer, excederam os méritos dos maiores Santos. É verdade que o Criador a distinguiu desde então dos demais homens preservando-a do pecado; mas também é verdade que ela mesma se distinguiu, correspondendo logo à graça. O último momento da vida dos Santos é propriamente quando se celebra o dia de sua festa; porque em vão teriam sido Santos toda a sua vida se não o tivessem sido neste último momento; pois a santidade deste último é a que corresponde toda a glória que gozam: e pois Maria é mais santa no primeiro instante de sua Conceição que o foram todos os Santos no fim de sua vida, não era justo que se celebrasse com uma festa solene este primeiro instante, tão santo e tão glorioso para a santíssima Virgem? Neste primeiro momento consagra-se já a Deus perfeitamente esta celestial menina. O primeiro movimento de seu coração foi para aquele Senhor que a havia formado. O reconhecimento seguiu tão de perto as graças que havia recebido que, no momento mesmo em que foi cumulada de benefícios, esteve cheia de amor a seu benfeitor. Mas de que amor, Senhor? Quem é capaz de explicar o ardor, a perfeição e a excelência deste amor? Baste dizer com São Vicente Ferrer que no primeiro instante de sua Imaculada Conceição recebeu a graça com mais plenitude que a tiveram todos os Santos e Anjos juntos.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Lucas (o impresso remete à pág. 141, isto é, ao dia 8).

Lucas 11,27-28

> **Latim:** [27] Factum est autem, cum hæc diceret : extollens vocem quædam mulier de turba dixit illi : Beatus venter qui te portavit, et ubera quæ suxisti. [28] At ille dixit : Quinimmo beati, qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.

Português: [27] E aconteceu, que dizendo elle estas palavras: huma mulher levantando a voz do meio do povo lhe disse: Bemaventurado o ventre, que te trouxe, e os peitos a que foste criado. [28] Mas elle respondeo: Antes bem-aventurados aquelles que ouvem a palavra de Deos, e a põem por obra.

Meditação

Da Imaculada Conceição da santíssima Virgem

Primeiro ponto

Considera que é uma verdade que a santíssima Virgem foi a só entre os homens que não foi envolvida na maldição comum nem pereceu no naufrágio universal que ocasionou a prevaricação de Adão. Podemos representar-no-la como aquela arca maravilhosa que nada sobre as águas do dilúvio e que se salvou em atenção a Noé, o primeiro restaurador, por dizê-lo assim, da linhagem humana, o qual era um retrato e figura de Jesus Cristo, nosso Redentor. Confessemo-lo: não houve jamais privilégio mais singular que este. O demônio tem em suas cadeias todo o gênero humano; e uma só menina lhe escapa, a qual não só conserva sua liberdade, mas além disto quebranta a cabeça ao tirano; e neste primeiro momento, que é a porta, a origem e princípio de todos os males que terão que sofrer os homens, acha Maria o princípio de todas as bênçãos de que será cumulada. Neste primeiro momento em que todos os homens estão sepultados numa espantosa escuridão, Maria só comparece com um resplendor que deslumbra os próprios Anjos. Neste primeiro instante da vida em que todos os homens, sem distinção, começam a padecer tão logo como a viver, encontra-se Maria cumulada de tão doces delícias que são o pasmo e a admiração das celestiais inteligências: *Quæ est ista quæ ascendit de deserto deliciis affluens?* Não deve admirar-nos que um manancial tão puro tenha conservado toda a sua pureza o restante de seu curso. Maria cresceu em amor de Deus, em fervor, em todo gênero de virtudes todos os momentos de sua vida; e se o primeiro foi tão santo, quais seriam os outros, pois a cada momento dobrou o fundo de méritos que havia nela? Mas o que ainda é mais admirável e de maior instrução para nós é que, isenta de toda fraqueza e confirmada em graça desde sua Conceição, não deixou de fugir do mundo e da corrupção do mundo. Ainda que concebida com todos os privilégios da inocência, não deixou de viver no retiro, na austeridade e em meio de todos os rigores da penitência. Ainda que cheia do Espírito Santo desde o primeiro instante de sua origem, não cessou de trabalhar; e sem pôr jamais limites a sua santidade, foi sempre crescendo em virtudes e em merecimentos. Admiremos e reverenciemos sem cessar a excelência e o mérito desta feliz criatura; mas lembremo-nos de que o único meio de honrá-la bem e de agradá-la é imitar sua pureza, sua humildade e demais virtudes.

Segundo ponto

Considera que, se é um grande privilégio para a santíssima Virgem haver recebido a graça com a vida, não é menor vantagem haver não só conservado esta graça, mas também havê-la aumentado até a morte; e nós, que somos concebidos e nascemos em pecado, não recebemos senão muito tarde esta graça que nos faz amigos de Deus; mas o que há nisto de mais deplorável é que a perdemos quase tão logo como a recebemos e passamos o resto de nossos dias na cruel incerteza de havê-la jamais de recobrar. Ah, que a maior parte de nós não conservamos a graça do Batismo senão o tempo em que ignoramos o que é o pecado que no-la arrebata! Que ventura a nossa se ao menos começássemos a viver desde hoje uma vida inocente! Façamos de modo que desde agora para o futuro tenhamos esta vida, para que tenhamos o consolo e a ventura de morrer com uma morte semelhante a ela. Ainda que não tenhamos sido concebidos em graça, podemos consolar-nos com que este favor não estava em nosso poder. Mas a maior de todas as desgraças, e para a qual jamais haverá consolo, é não morrer em estado de graça, é morrer em pecado. Ser concebido em pecado é uma desgraça contra a qual o Batismo é um remédio eficaz; mas morrer em pecado é o cúmulo de todas as desgraças e a que não alcança nenhum remédio. Que socorro mais poderoso, que remédio mais eficaz para evitar esta desgraça que a devoção à Imaculada Conceição da santíssima Virgem? Como todo este mistério estriba sobre o singular privilégio, sobre a insigne graça pela qual Maria foi preservada do pecado original e de todo pecado atual, a devoção a este mistério empenha esta Mãe de misericórdia a alcançar para seus devotos a graça de viver e morrer na inocência. Pode-se dizer que o efeito particular da devoção à Imaculada Conceição é esta pureza de costumes, esta inocência de vida e esta graça final, que é sempre um puro dom de Deus. São necessários outros motivos para honrar sem cessar a santíssima Virgem sob este glorioso título, sob a singular prerrogativa de haver sido concebida sem pecado?

Sim, Virgem santíssima, ao honrar-vos sob este título pretendo honrar-vos como a Mãe de Deus e como a Mãe sem deixar de ser virgem: como à Filha muito amada do Pai, como à Mãe do Filho e como à Esposa sem mancha do Espírito Santo: dignai-vos ser minha mãe; e sobretudo alcançai-me a graça tão necessária de viver na amizade de Deus e na inocência; alcançai-me a graça final, sem a qual todas as outras graças de nada me servirão.

Jaculatórias

Virgem incomparável, de uma pureza e mansidão sem exemplo, alcançai-me uma e outra virtude. (A Igreja.)

Fazei, Virgem santa, que eu experimente em mim que sois minha querida mãe. (A Igreja.)

Propósitos

1. Pode-se dizer que nenhuma coisa obriga tanto a Virgem santíssima a que nos alcance a graça de viver e morrer na inocência e na pureza como a devoção a sua Imaculada Conceição; e assim deves honrar esta Imaculada Conceição não somente durante esta oitava, mas não deves deixar que se te passe dia algum sem que dês graças a Deus pela graça singular que fez à santíssima Virgem de havê-la privilegiado desta sorte. Tem em teu quarto ou em teu oratório alguma pintura ou imagem da Imaculada Conceição e inspira a todo o mundo e em toda ocasião uma devoção tão salutar.

2. Comunga hoje para acabar mais santamente esta oitava: assiste, se podes, ao ofício divino, especialmente às vésperas. Não deixes de fazer pela tarde uma visita ao santíssimo Sacramento para dar graças a Deus pelo singular favor que fez a esta santíssima Virgem neste mistério e para protestar à Mãe de Deus que queres viver e morrer em seu serviço e honrar sem cessar sua Imaculada Conceição: reza hoje o rosário com mais devoção do que costumas.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:55:58 by Admin
Updated 20 November 2026 20:55:58 by Admin